DIAMANTE DA LIBERDADE

Narrado por José Maria Quintino (Angola)

MENDES DE MIRANDA

A Última Jornada

O Caminho Mais Curto

Depois que deixamos San Ignácio para trás, senti que a viagem tinha mudado de ritmo. O patrão ainda carregava no corpo as marcas da febre que quase o levou, mas aos poucos a força parecia voltar. Ele caminhava novamente à frente das mulas, como sempre fizera desde o começo da jornada.

Mesmo assim, eu percebia que ele não era exatamente o mesmo homem.

Estava mais magro, e o rosto parecia marcado pelo cansaço da doença. Ainda assim, seus olhos continuavam atentos à estrada, observando cada detalhe da trilha como quem mede o terreno antes de dar o próximo passo.

Agora sabíamos que o fim da viagem estava próximo.

João me disse certa manhã que, seguindo o caminho tradicional dos tropeiros, levaríamos pouco mais de uma semana para alcançar Santa Cruz de La Sierra. Aquela notícia me deu uma sensação

estranha no peito. Depois de tantos dias cruzando rios, pântanos e florestas, o destino finalmente parecia ao alcance.

Mas o patrão também conhecia outro caminho.

Um caminho mais curto.

Enquanto preparávamos as mulas ao amanhecer, ele comentou comigo com a naturalidade de quem já havia tomado a decisão:

— Se seguirmos por outra trilha, chegamos mais rápido.

Eu não fiz perguntas.

Aprendi desde cedo que, naquelas terras desconhecidas, o melhor que eu podia fazer era confiar na experiência dele.

Foi assim que deixamos o caminho mais largo usado pelos tropeiros e entramos por uma trilha muito mais estreita, quase escondida pela vegetação.

Logo percebi a diferença.

A mata ali parecia mais antiga e fechada. As árvores cresciam altas e grossas, com troncos cobertos por musgo escuro. Cipós pendiam entre os galhos como cordas naturais, e em alguns trechos o

caminho era tão apertado que precisávamos empurrar galhos para conseguir passar com as mulas.

O chão também era diferente.

Havia menos marcas de ferraduras e quase nenhum sinal de passagem recente de outros viajantes.

Aquilo me fez entender que poucos homens cruzavam por ali.

Enquanto avançávamos, João caminhava alguns passos à frente da tropa. Em certos momentos ele parava de repente, levantando a cabeça como se estivesse escutando algo distante.

Então permanecia imóvel por alguns segundos. Apenas escutando a mata.

Eu também comecei a prestar mais atenção.

O silêncio daquele lugar era diferente. Não era apenas a quietude comum da floresta. Era um silêncio que parecia observar cada movimento nosso.

De vez em quando, um galho estalava ao longe ou algum pássaro levantava voo repentinamente entre as copas das árvores.

Esses pequenos sons faziam o patrão apertar mais forte o cabo da arma presa ao cinto.

Naquele momento eu ainda não compreendia totalmente o motivo daquela cautela.

Mas, com o passar das horas, fui percebendo que aquela trilha atravessava terras que não pertenciam aos tropeiros.

Estávamos avançando por uma região ocupada por indígenas.

E, naquela mata silenciosa, tínhamos nos tornado visitantes indesejados.

O Ataque dos Chiriguanos

O ataque veio sem aviso.

Estávamos avançando devagar por um trecho onde a mata começava a se abrir um pouco. As árvores já não estavam tão próximas umas das outras, e a luz do sol conseguia alcançar o chão em alguns pontos. O caminho parecia mais tranquilo, e por um momento pensei que aquela trilha perigosa talvez fosse apenas mais silenciosa do que as outras.

As mulas caminhavam com passos pesados,

sacudindo as cargas amarradas sobre os lombos. Eu vinha logo atrás do patrão, segurando as rédeas de dois animais, observando o caminho e tentando manter o mesmo ritmo da tropa.

Foi então que ouvi um som estranho.

Um assobio seco rasgando o ar.

Tudo aconteceu no instante seguinte.

A flecha saiu da mata com uma velocidade que meus olhos mal conseguiram acompanhar. Ela atingiu o peito do patrão com força, atravessando sua camisa como se fosse pano leve.

João soltou um grunhido surdo.

Seu corpo se inclinou para frente e, antes que pudesse segurar as rédeas, ele caiu da mula e bateu no chão com um som pesado.

Por um segundo o mundo pareceu parar.

As mulas se agitaram, puxando as rédeas e balançando as cabeças.

Então vieram os gritos.

Eles surgiram da mata ao redor como se sempre estivessem ali, apenas esperando o momento certo. Homens pintados apareceram entre as árvores, rápidos e silenciosos como sombras da floresta.

Carregavam arcos, lanças e tacapes.

Seus rostos estavam cobertos por pinturas de guerra, e seus corpos se moviam com a agilidade de quem conhecia cada pedaço daquela mata.

Meu coração começou a bater tão forte que parecia querer escapar do peito.

Eu estava a poucos passos do patrão quando tudo aconteceu.

Sem pensar muito, me abaixei e agarrei a arma de João, que havia caído ao lado da sela quando ele foi atingido. Minhas mãos tremiam enquanto levantava o rifle e procurava entre as árvores o homem que havia disparado a flecha.

Vi um deles se mover atrás de um tronco.

Apontei naquela direção e puxei o gatilho.

O estampido da arma ecoou pela floresta, quebrando o silêncio da mata como um trovão. A fumaça da pólvora subiu diante do meu rosto.

Vi um dos homens cair entre os arbustos.

Mas o ataque durou apenas alguns instantes.

Assim como apareceram, os indígenas desapareceram novamente entre as árvores. Seus passos sumiram na mata fechada, engolidos pelo

silêncio da floresta.

Em poucos momentos tudo ficou quieto outra vez.

Restaram apenas o som das mulas inquietas e minha própria respiração acelerada.

Larguei a arma no chão e corri até o patrão. Ajoelhei-me ao lado dele.

A flecha ainda estava cravada em seu peito, e o sangue escorria lentamente, manchando a camisa e a terra ao redor de seu corpo.

Coloquei a mão sobre o ferimento sem saber exatamente o que fazer.

Ali, no meio daquela mata silenciosa, percebi que estávamos completamente sozinhos.

O Diamante e a Despedida

O patrão ainda respirava quando me ajoelhei ao lado dele.

A flecha estava cravada em seu peito, e o sangue escorria devagar pela camisa já encharcada. O rosto de João estava pálido, e seus olhos pareciam lutar para permanecer abertos.

Mesmo assim, ele ainda estava consciente.

Eu não sabia o que fazer. Nunca tinha visto um homem sobreviver a um ferimento daqueles. Coloquei a mão sobre o peito dele, tentando conter o sangue, mas logo percebi que aquilo não faria diferença.

Ele ergueu levemente a mão, chamando minha atenção.

— *Angola...* — murmurou com dificuldade.

Aproximei meu rosto para conseguir escutar melhor.

A respiração dele era curta, pesada, como se cada palavra exigisse um esforço enorme.

— *No arreio... de uma das mulas...* — disse ele pausadamente. — *Tem um embrulho escondido.*

Levantei-me depressa.

Corri até a tropa, que ainda estava agitada pelo ataque. Passei as mãos pelas correias e pelos couros presos à sela até encontrar um pequeno volume escondido entre as dobras do arreio.

Era um embrulho pequeno, enrolado em pano.

Voltei rapidamente para onde João estava deitado.

Coloquei o pacote em suas mãos.

Ele abriu o tecido com dificuldade, os dedos já sem

muita força. Quando o pano se afastou, o brilho da pedra apareceu sob a luz filtrada da mata.

O diamante.

A mesma pedra que havia iniciado toda aquela viagem.

João ficou alguns segundos olhando para ela. Depois levantou os olhos para mim. Havia cansaço em seu olhar, mas também algo que parecia sincero.

— *Me perdoa, Angola.*

Sem entender direito o que ele queria dizer, permaneci em silêncio.

Então ele pegou minha mão e a abriu devagar. Colocou o diamante na minha palma.

— *Sempre foi seu.*

Por um instante eu não consegui falar nada.

A pedra parecia pesada em minha mão, como se carregasse toda a história daquela viagem.

João respirou fundo, lutando contra a dor.

— *Procura... Rosa La Morena... em Santa Cruz* — disse ele com dificuldade. — *Não vai ser difícil encontrar. Ela é conhecida.*

Fez uma pequena pausa antes de continuar.

— *Pode confiar nela... ela vai te ajudar.*

A mão dele apertou levemente a minha.

— *Você é livre nesse país.*

Antes que eu pudesse responder, ele ainda reuniu forças para apontar na direção da trilha.

Com voz quase apagada, explicou rapidamente qual caminho eu deveria seguir.

— *Falta pouco... Angola...*

Então seu corpo relaxou.

Os olhos dele se fecharam lentamente.

E ali, no meio daquela mata silenciosa, João Tropeiro partiu.

Fiquei sentado ao lado dele por algum tempo, sem saber exatamente quanto. O silêncio da floresta parecia mais pesado do que nunca.

Por fim, levantei-me.

Escondi o diamante dentro da bota do patrão, onde ninguém pensaria em procurar. Depois fui até uma das mulas mais fortes da tropa, desamarrei parte da carga e estendi um dos mantos grossos sobre o arreio.

Voltei até o corpo de João Tropeiro, passei os braços por baixo de seus ombros e, com muito esforço, arrastei-o pela terra até perto do animal.

Apoiei o corpo dele contra a sela e, usando toda a força que ainda tinha, consegui levantá-lo e colocá-lo atravessado sobre a mula, com o peito apoiado no arreio.

Em seguida amarrei o corpo com duas correias de couro da própria carga, prendendo bem para que ele não caísse durante o caminho. Quando terminei, segurei as rédeas das mulas e retomei a trilha que ele havia indicado, levando comigo o patrão pela última vez em direção a Santa Cruz de La Sierra.

A estrada parecia mais solitária agora.

Mas algumas horas depois, quando o sol já descia atrás das árvores, vi algo surgindo ao longe.

Telhados.

Torres.

As primeiras construções de uma cidade.

Santa Cruz de La Sierra.

A Cidade e o Novo Destino

A Entrada em Santa Cruz

Quando finalmente deixei a mata para trás, percebi que o caminho de terra começava a se alargar diante de mim. As árvores ficaram mais espaçadas, e o silêncio pesado da floresta foi sendo substituído por outros sons — galinhas ciscando no chão, vozes distantes, o ranger de carroças.

Foi então que vi as primeiras casas.

Era Santa Cruz de La Sierra.

Parei por um instante, segurando as rédeas das mulas, apenas observando. Nunca tinha entrado numa cidade daquela forma... sozinho, vindo da mata, conduzindo uma tropa cansada e levando comigo o corpo de um homem morto.

Respirei fundo e continuei andando.

As mulas avançavam devagar, com o cansaço da longa viagem. Sobre o lombo de uma delas estava o corpo do patrão, amarrado com correias de couro para que não caísse. Eu havia coberto sua cabeça com um manto, mas ainda assim era impossível

esconder completamente o que eu carregava.

As ruas eram estreitas, feitas de terra batida. Casas simples de barro e madeira ficavam alinhadas dos dois lados, algumas com pequenas varandas e portas abertas para a rua.

No começo, poucas pessoas pareciam notar minha chegada.

Mas logo os olhares começaram.

Um homem que consertava uma roda de carroça ergueu a cabeça e ficou parado me observando. Uma mulher que varria a frente da casa interrompeu o movimento da vassoura.

Continuei andando.

Senti os olhos da cidade sobre mim.

Uma janela se abriu devagar.

Depois outra.

Rostos surgiram atrás das cortinas, atentos, desconfiados.

Algumas mulheres cochichavam entre si. Outras levavam a mão ao peito quando percebiam o corpo sobre a mula. Vi mais de uma fazer rapidamente o sinal da cruz antes de fechar a janela com pressa.

Aquilo me deixou inquieto.

Eu não sabia como seria recebido ali. Não conhecia ninguém. Só sabia o nome de Rosa La Morena.

E, pela primeira vez desde que deixara o Brasil, não havia um patrão ao meu lado para decidir o que fazer.

Alguns homens começaram a caminhar atrás da tropa, mantendo certa distância. Não diziam nada. Apenas observavam.

O silêncio deles me incomodava mais do que qualquer pergunta.

Por um momento pensei em parar e explicar o que havia acontecido na mata.

Mas as palavras não vinham.

Então continuei andando.

Meu coração batia forte no peito.

Eu sentia que todos esperavam alguma coisa de mim — uma explicação, uma decisão, talvez até uma ordem.

Mas eu ainda estava tentando entender algo muito maior.

Pela primeira vez na vida, eu precisava decidir sozinho.

Depois de algumas ruas, o caminho se abriu e

cheguei à praça central da cidade.

Ali, diante de mim, erguia-se a igreja.

Parei as mulas.

Olhei ao redor lentamente.

Sabia que, a partir daquele momento, qualquer passo que eu desse poderia mudar tudo.

E eu precisava escolher bem o que fazer.

A Delegacia e Rosa La Morena

Enquanto eu observava a praça, tentando decidir o que fazer, notei um pequeno prédio de paredes claras logo ao lado. Na porta estavam alguns homens armados, conversando entre si. Pelas roupas e pelas armas na cintura, entendi que eram guardas da cidade.

Devia ser a delegacia.

Segurei firme as rédeas das mulas e conduzi a tropa até lá. Assim que parei diante deles, a conversa se interrompeu. Os homens me olharam de cima a baixo, com aquela mistura de curiosidade e desconfiança que eu já tinha visto nas ruas.

Um deles deu alguns passos à frente.

Seus olhos passaram por mim, pelas mulas e então pararam no corpo coberto sobre o lombo do animal.

Respirei fundo antes de falar.

— *Preciso falar com... Rosa La Morena.*

Eles trocaram olhares entre si, como se aquele nome significasse alguma coisa importante.

Continuei:

— *Meu patrão morreu na estrada. Quero fazer um velório digno pra ele.*

A curiosidade deles aumentou. Dois dos homens se aproximaram da mula e puxaram o manto devagar. Quando viram o rosto sem vida de João Tropeiro, ficaram sérios.

Sem muita conversa, ajudaram-me a desamarrar o corpo e levá-lo para dentro do prédio.

A delegacia era simples. Uma mesa de madeira, algumas cadeiras e paredes quase vazias.

Um dos homens, que parecia ser o delegado, perguntou algo em espanhol. Eu entendi apenas partes das palavras. O resto parecia correr rápido demais para meus ouvidos.

Mesmo assim respondi do jeito que consegui:

— *Eu conto tudo... quando Rosa La Morena chegar.*

Ele franziu a testa, mas aceitou esperar.

Não demorou muito.

Algum tempo depois a porta se abriu e uma mulher entrou com passos rápidos.

Assim que a vi, entendi por que todos a respeitavam.

Rosa La Morena era uma mulher de presença forte. Tinha pele clara, olhos escuros e profundos e cabelos negros presos num coque bem feito. Seu rosto tinha traços firmes, daqueles que lembravam as mulheres espanholas que eu já tinha visto em algumas cidades.

O vestido era elegante, mas simples, e ela caminhava com segurança, como alguém acostumado a ser ouvido.

Os olhos dela percorreram a sala até pararem em mim.

— *¿Quién es usted?* — perguntou, com voz firme.

Eu demorei um instante para entender.

— *Meu nome é Angola...* — respondi devagar.

Ela me olhou com atenção e tentou falar mais devagar, misturando algumas palavras que pareciam portuguesas.

— *Usted... viene con el muerto... sí?*

Balancei a cabeça.

— *Era meu patrão.*

Ela respirou fundo.

— *Usted... puede explicar?*

Pedi aos guardas que nos deixassem falar em particular, e eles concordaram.

Então contei tudo.

Falei da viagem, da doença do patrão, do diamante escondido, da travessia da mata e do ataque dos indígenas. Algumas vezes Rosa precisava repetir as perguntas devagar para que eu entendesse. Outras vezes era eu quem precisava repetir as respostas. Era como se nós dois estivéssemos atravessando uma ponte feita de duas línguas diferentes.

Quando terminei, tirei o diamante que estava na bota do patrão.

Peguei as mãos dela e coloquei a pedra em suas palmas.

— *O patrão confiava muito na senhora* — disse. — *Parte disso é sua... a outra parte é minha.*

Rosa ficou alguns segundos olhando para o brilho da pedra.

Depois fechou as mãos com calma.

Ela caminhou até o delegado e falou com firmeza em espanhol:

— *Señor, este hombre no es criminal. Es un hombre bueno. No necesita prenderlo.*

O delegado olhou para mim por um momento. Depois concordou lentamente.

— *Está libre* — disse ele.

E naquele instante eu entendi que, pela primeira vez desde que chegara à cidade, eu realmente estava livre.

Um Novo Caminho

O velório de João Tropeiro aconteceu no dia seguinte. A notícia da morte de um tropeiro vindo do Brasil correu rápido por Santa Cruz de La Sierra. Quando cheguei à igreja naquela manhã, vi que muitas pessoas já estavam ali. Homens simples, comerciantes, viajantes que conheciam as rotas da região. Alguns haviam ouvido falar de João, outros apenas respeitavam a história de um homem que havia morrido na estrada.

O corpo foi velado com dignidade.

Enquanto eu permanecia perto do caixão, fiquei pensando em tudo que tinha acontecido desde o dia em que encontrei aquele diamante na mata. Parecia outra vida.

Depois do enterro, os dias começaram a seguir um novo rumo.

Rosa La Morena cumpriu o que havia prometido. Ela conhecia os homens certos da cidade — comerciantes ricos, negociantes de pedras, gente acostumada a lidar com coisas valiosas. Foi ela quem encontrou os compradores para o diamante.

Quando a pedra finalmente foi vendida, Rosa me chamou.

Colocou nas minhas mãos a parte do dinheiro que me cabia.

Era uma quantia tão grande que eu nem conseguia entender direito o que aquilo significava. Nunca tinha visto tanto dinheiro junto. Mesmo assim, guardei cada moeda com cuidado, como quem guarda algo sagrado.

Com o tempo, comprei algumas terras perto da cidade.

Passei a trabalhar nelas.

Mas havia uma coisa que nunca mudou em mim: eu continuava sendo um homem acostumado ao trabalho pesado. Mesmo sendo dono daquelas terras, eu me misturava com os trabalhadores da fazenda. Capinava, carregava sacos, cuidava dos animais. Muitas vezes eu tinha dificuldade até de mandar. Em vez de dar ordens, eu pedia:

— *Me ajudem aqui com isso...*

Eles riam, mas trabalhavam comigo.

Às vezes, no meio do trabalho, eu parava por um instante e olhava para o vazio do campo. Era um costume estranho que nunca consegui perder. Em certos momentos eu quase esperava ver o patrão ali perto, como se ainda pudesse perguntar a ele qual decisão tomar.

Mas agora eu precisava seguir sozinho.

Com o passar dos anos, casei-me com Juana, a quem eu chamava de Juanita, uma mulher boliviana. Tivemos filhos.

E talvez essa tenha sido a maior riqueza que aquele diamante me deu.

Eu nunca tive escola, nunca aprendi a ler direito

quando era jovem. Por isso fiz questão de que meus filhos estudassem. Usei o dinheiro para pagar professores, livros e estudos.

Eles cresceram.

E se tornaram homens e mulheres respeitados na cidade — médicos, comerciantes, professores. Pessoas instruídas, muito diferentes daquele homem simples que eu era.

Alguns anos depois de me estabelecer ali, levei ao cartório o documento que João Tropeiro havia me dado antes de morrer: minha declaração de liberdade.

Naquele dia registrei meu nome.

Deixei para trás o nome Angola.

Passei a ser José Maria Quintino, cidadão de um novo país, um homem livre começando uma nova vida.

Acredito que tinha cerca de vinte e seis anos quando entrei em Santa Cruz de La Sierra conduzindo uma tropa cansada e o corpo de um homem que havia mudado meu destino.

Ali vivi por mais cinquenta e sete anos.

E até o final da minha vida nunca esqueci daquele

dia na mata... quando um homem, já sem forças, colocou um diamante em minha mão.

Naquele momento eu pensei que estava recebendo apenas uma pedra.

Mas hoje sei que o que ele realmente me entregou foi algo muito maior.

Ele me entregou o meu futuro.

- F I M -

Conclusão

A história de Angola — mais tarde conhecido como José Maria Quintino — é, acima de tudo, uma história sobre a força do destino e sobre as escolhas que transformam uma vida inteira.

O diamante que um dia surgiu entre a terra revolvida de um garimpo clandestino poderia ter sido apenas mais uma pedra escondida nas profundezas do solo. No entanto, nas mãos de um homem que até então não possuía sequer o direito de decidir o próprio caminho, ele se transformou em algo muito maior do que riqueza.

Transformou-se em liberdade.

A jornada de Angola revela como os caminhos da vida podem mudar de forma inesperada. Entre matas silenciosas, trilhas perigosas e cidades desconhecidas, ele percorreu uma estrada marcada pelo medo, pela esperança e pela coragem. Ao lado de João Tropeiro — homem das estradas e conhecedor do interior do continente — Angola descobriu não apenas novas terras, mas também a possibilidade de uma nova existência.

A morte do tropeiro marcou o fim de uma travessia, mas também o início de outra. Em Santa Cruz de La Sierra, Angola deixou para trás o peso de um passado de servidão e começou a construir uma vida com suas próprias mãos. Tornou-se trabalhador, pai, proprietário de terras e, finalmente, cidadão de um novo país.

Ao registrar seu nome como José Maria Quintino, ele não apagou o passado. Pelo contrário, deu a ele um novo significado. Sua história representa tantas outras histórias que o tempo quase esqueceu — histórias de homens e mulheres que lutaram para romper as correntes da escravidão e conquistar

aquilo que sempre lhes pertenceu por direito.

Também é uma lembrança da importância daqueles que abriram caminhos pelo interior do continente: tropeiros, viajantes e trabalhadores anônimos que ligaram regiões distantes e ajudaram a formar as rotas que hoje fazem parte da história da América do Sul.

No fim, o verdadeiro valor do diamante encontrado por Angola não estava em seu brilho ou em sua riqueza.

Estava na oportunidade que ele trouxe.

A oportunidade de começar de novo.

Porque, às vezes, a liberdade surge onde menos se espera — escondida entre a terra, esperando apenas que alguém tenha coragem de encontrá-la.

Mendes de Miranda

Mendes de Miranda, nascido em 14 de novembro de 1959, mineiro da Terra da Mãe de Deus, é o nome escolhido pelo professor Vilmar de Freitas para dar vida às suas memórias e à sua escrita. Mais do que um pseudônimo, Mendes de Miranda é uma

homenagem carregada de afeto às suas avós, Dercília, sua avó paterna, e Maria Felisbina, sua avó materna — presenças que marcaram profundamente sua infância.

Foi ao lado delas que ele aprendeu o poder das histórias. Ainda menino, sentava-se na varanda da casa, aquela que se abria para o fundo do quintal, onde o tempo parecia caminhar mais devagar. Enquanto ouvia os causos contados com calma e sabedoria, seus olhos acompanhavam as galinhas ciscando no terreiro, como se cada movimento também fizesse parte da narrativa. O cheiro dos biscoitos fritos, feitos no fogão a lenha, misturava-se ao aroma suave do chá de erva-cidreira, criando uma atmosfera de aconchego que parecia abraçar o mundo.

Na simplicidade desses momentos, surgiam viagens pela imaginação, onde cada palavra abria caminhos para novos horizontes. Não era preciso ir longe — bastava ouvir.

Ao adotar esse nome, Vilmar de Freitas eterniza não apenas suas origens, mas também o amor, a memória e a poesia daqueles dias. Em cada linha

escrita como Mendes de Miranda, ainda ecoam as vozes doces de Dercília e Maria Felisbina, como se o tempo, ali, tivesse escolhido permanecer.

Nota ao Leitor: Esta obra é fruto da criação humana. O contexto histórico, o enredo, os personagens e todas as decisões narrativas foram concebidos por seu autor, responsável por dar sentido e direção à história. A inteligência artificial foi utilizada apenas como ferramenta de apoio, auxiliando em pesquisas, organização de ideias e aspectos técnicos da escrita, sem interferir na autoria. Assim, o livro mantém sua essência como uma produção humana, em que a tecnologia atua como instrumento, e não como origem.